



TRIBUNA Livre

3
AGOSTO
1957

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

DIR. PAULO BARROSA DE MACEDO

EDIT. ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

IMP. JOÃO BARROSA DE MACEDO

PROPR. Irmãos BARROSA DE MACEDO

Composit. Impressão e Redacção: LARGO DE OLIVEIRA GALAZAR - TEL. 23112 - AMARES

Uma atitude digna São Pedro Fins não merece ser esquecido

O homem, esse animal interesseiro e tantas vezes desumano, esse ser tantas vezes ingrato e malfazejo, tem ainda, para contento nosso e regaste da humanidade, actos lindos que é justo e necessário realçar. Na quinta-feira da semana finda, dia 25 do mês de Julho findo, passamos no Santuário da Abadia. Acompanhá-vamos visitantes ilustres e todo o tempo e atenção eram poucos para lhe descrevermos as grandezas históricas e as belezas panorâmicas do mais velho Santuário Mariano da Península.

hábito adquirido por quem tenha de escrever para os jornais, levou-nos a inquirir da causa de ali estarem pessoas, facto que não reputamos vulgar. O esclarecimento veio dizer-nos que naquele dia fazia anos o falecido Arcebispo Padre José Joaquim da Costa Azevedo, que, por esse facto, costumava reunir os seus amigos num almoço. Esses amigos, lembrando a memória do falecido, resolveram reunir-se no Santuário e ali sufragar a sua alma. Simples tudo, mas uma simplicidade que cativa e

prende pelo que representa de gratidão sentida ao companheiro de tantas horas. Gesto lindo que ao ser-nos comunicado nos cativou e prendeu, dizemos até, nos emocionou e sensibilizou. Sentimos o dever de o divulgar, não tanto pelo que ele representa quanto ao passado, mas pelo que ele pode fazer reflectir os que vivem e prescutam o futuro. Enquanto os homens se debatem, enquanto cada um pretende conseguir os seus fins alheando-se dos princípios da justiça e da rectidão, outros homens lembram o que deixou saudosa memória.

Do exame de consciência, da grandeza do gesto pode sair resultado positivo. Assim a humanidade se vê convencendo de que só a beleza moral sobrevive ao tempo e à morte, ao infortúnio e ao esquecimento. Reunidos outrora no convívio de um almoço, no âmbito de uma reunião de amigos, voltaram a reunir-se, mas, desta vez, joelho em terra, oração nos lábios, fervor no coração.

A nossa sensibilidade não nos permitiu deixar no olvido o que relatamos. Ao fazê-lo, deitamos mais uma flor na campa de um justo — a rosa perfumada da gratidão.

E' amanhã, primeiro Domingo de Agosto, que a freguesia de Caires, a antiga Requiam dos Romanos, que tem nutrida devoção por S. Pedro, sobe a encosta da montanha de S. Pedro Fins, com luzida procissão, até ao ponto onde se vê alvejar a granítica capela, meeira com Caldeias.

Nós que, já no ano passado aqui dissemos que «vale a pena o sacrifício...», mas que lá não fomos, por qualquer motivo, este ano, se Deus quiser, escallaremos o monte.

A devoção ao Santo, sob a invocação de S. Pedro nas Caldeias libertado pelos anjos, atrai grande número de fiéis, calcoteando caminhos que só com espírito de penitência ou gosto pelos desportos alpinicos, se podem percorrer com relativo agrado.

A nós tudo isto nos seduz e mormente o magnífico panorama que lá do alto se divisa, que nos enche de júbilo e faz esquecer a agurra da ascensão.

Para quem conhece já este belo miradouro e dele sabe aproveitar-se, servir-lhe-á de irresistível estímulo para tentar a escalada.

Logo ao deixar o sopé do monte, regala-nos a vista o viço inigualável da vegetação, primeiro com laranjais e olivais a abrigar da canícula, de-



pois o pinhal com odoríferos milharais ao fundo, para se entrar a meio da encosta, no monte nu, apenas atapetado de mato, saindo-se dos caminhos revolvidos pela aluvião, rugosos ou de ossatura granítica descoberta, para a trilha das cabras, tal como em um rio que, ao aproximar-se da nascente, vai estreitando o leito; mas à medida que nos falta o contacto ameno com o elemento vegetativo, embriaga-nos a crescente beleza do panorama, cada vez mais largo e mais atractivo, para culminar na espinha do monte sagrado, com surpreendente visão em todos os sentidos.

Dali pode estender-se a vista para além das serras do Gerês e da Cabreira e saciar os olhos no tentador serpenteado do Cávado e do Homem, perscrutando o horizonte aberto até ao mar ou até às distantes alturas de Barroso.

Este privilegiado lugar que hoje é assinalado por uma humilde capela, há poucos anos reformada para lhe dar a necessária solidez, mas sem beleza arquitectónica, poder-se-ia

(Continua na 6.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Por isto mesmo, os nossos antepassados tiveram uma mais perfeita noção do significado e grandeza destes primeiros padrões venerandos da Cristandade; e as câmaras e as cruzeiras paroquiais compareciam nos dias das festividades e ocasião de «clamores» e «procissões de penitência», a implorar a sua protecção, contra as calamidades públicas.

São talvez menos oportunas estas distrações da questão de fundo, desculpe o leitor; já que se trata da mais antiga via de circulação por estas terras, vai-se passando em revista estes expressivos locais de curiosas antiquilhas, fazendo estas tiradas, a aproveitar a sequência lógica de acontecimentos, que de outro modo poderia não mais se encontrar.

Elevando-se sempre, a Geira dominava as alturas, já no âmbito de antiquíssimas cidades ou citânias, como Calcedonia (Covide); Aquaequer quanae (Carvalheira) e Aquae-origines, nas nascentes do Homem.

A pag. 390 «De Antiquitatibus...», Contador de Argote descreve ligeiramente as ruínas de uma antiga fortaleza, a pequena distância da Veiga de Santa Eufémea, dizendo que ainda podia ver-se, no meio de restos de uma muralha circular, um montículo onde se situava a torre de vigias.

Ora aí estavam nem mais nem menos que os últimos destroços da afalaia vigilante da fundação e consolidação da Nacionalidade, que foi o «Castelo de Bouro» a que se fez larga referência.

Diz o mesmo autor que a Geira foi aberta por ordem do imperador Augusto César, 42 anos antes de C., como se inferiu da inscrição de um marco miliar encontrado nas margens do Cávado quando se reedificou a ponte de Prado.

E a tal propósito conta Montebelo que «entre umas memórias de antiguidades, de letra e mão de seu bisavô Manuel Machado de Azevedo, havia uma que dizia:

«En este año de 1500, com las grandes avenidas deste Rio Cavado, ruinó parte de la ponte de Prado y en una piedra della se descubrieron estas letras:

(Continua na 6.ª página)

A Mesa da Confraria da Senhora da Abadia

TRABALHA COM BRIO

Quem visitar o Santuário da Senhora da Abadia neste momento, verifica uma azafama intensa em obras que a Confraria está a levar a cabo.

Mas a primeira nota agradável, especialmente para quem vai de carro, é a que lhe dá o magnífico piso da estrada, até agora deplorável.

A Confraria procedeu a alguns cortes para alargar a mesma e em todos os sitios revestiu o seu leito de terra e consertou-a nos pedaços maus ou nos buracos.

O carro desliza, em todo o trajecto que vai desde Bouro ao Santuário; a estrada que liga o santuário a Cançada foi igualmente beneficiada e apresenta-se magnífica.

E', pois, a única estrada municipal que se encontra em boas condições, graças ao bairrismo dos Mesários.

Mas as obras não se reduzem ao conserto da estrada. O bar apresenta-se em bom funcionamento, com asseio e boa organização, os quartéis estão a sofrer grandes obras.

A construção da casa das esmolas, iniciativa de grande utilidade, segue um bom ritmo e tudo leva a crer que para as Festas da Goma esteja concluída e em serviço.

O Largo, vai ser também beneficiado a dar-nos a certeza de um trabalho útil e que muito prestigiará aquele Santuário de nobilíssimas tradições.

TRIBUNA CINEMATOGRAFICA

EDITORIAL

Uma «Madalena» arrependida mas não redimida nem salva...

Clarim daqui, clarinete dacolá e pífaro dalém e os espíritos perdem-se na própria ansiedade dos sons que anunciam por todos os lados e esquinas a mais suculento, opípara e berrante cozinhadela de Augusto Genina — «Madalena».

Nós não fomos levados pelo requinte do golpe comercialista, nem tão-pouco pusemos pé no estribo do carro dos anjinhos. Fomos ver o filme pelos mesmíssimos motivos que o cinema sempre nos impôs, desde que lhe começámos a dedicar um pouco de estudo e de análise. Não nos guiamos por reacções, por impressionismos, por recortes mais ou menos bem vestidos com um pouco de drama mais ou menos bem pintado com os cosméticos do tipo angelical e sedutor. Essas reacções pessoais não contam perante a verdade e a sinceridade que temos para com o público, que deve ser, antes de mais nada, esclarecido e não habilidosamente enganado por uma esgrima dialéctica onde a palavra não está de harmonia com a verrina imposta pela consciência de quem escreve, não para uma só classe mas para um público, ora suando cultura, ora abafando os seus sentimentos num desinteresse de humildade bendita. Isto significa, isto quer significar, que à liberdade do nosso pensamento imprimimos, sempre, os efeitos dum trabalho crítico baseado na mais elementar concretização dum estudo imparcial.

Pateado em Berlim, aplaudido em S. Sebastião, o filme de Genina provocou, no Festival Internacional do Filme, em Cannes 1954, talvez o maior e desagradável escândalo que nestes certames cerimoniais se possam imaginar. Os russos exigiram, sem mais delongas, a retirada de «Madalena», sob pena de eles próprios abandonarem, com a sua representação, o Festival. No entanto, a película, saiu vitoriosa em Locarno, Suíça, onde foi presente a um público selecto, tal qual em Espanha.

Os russos não concordaram com «o carácter profundamente religioso e humano» da obra de Augusto Genina. Nós, ao invés, não vamos, não estamos de acordo com os princípios artísticos com que o realizador italiano plasma e trata os seus trabalhos de carácter religioso.

Genina não é um artista. É acima de tudo um técnico que tem uma grande experiência, sabendo aliar ao efeito habilidoso a curiosidade do espectador, tirando daí todo um partido de impressionantes reacções que nos despertam mas não nos caem no fundo da alma. Há

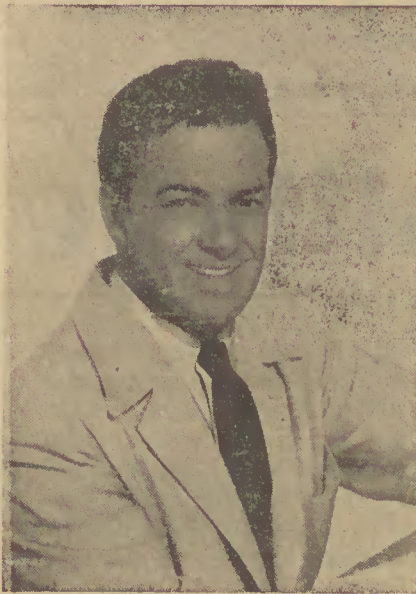
Cornel Wilde,

Médico,
actor,
esgrimista,
produtor
e director

O último filme de Cornel WILDE intitula-se «OMAR KHAYYAM», que foi poeta e herói legendário da antiga Pérsia, astrólogo, pensador e homem de acção. Esta é a personagem que o conhecido actor húngaro fez reviver na tela, numa produção da Paramount. O filme, produzido por Frank Freeman Jr., é dirigido por William Dieterle, e ao lado do romântico e moreno actor aparecem Debra Paget, John Derek e Raymond Massey. A película é em technicolor e vistaVision.

Cornel Wilde tem uma carreira multiforme em Hollywood, pois é actor, produtor e director. É o chefe da sua própria companhia cinematográfica independente (Theodora Productions), tendo já dirigido filmes e programas de Televisão.

Nasceu em New York. Seu pai, natural da Hungria, era gerente de uma firma de perfumes e cosméticos. Embora nascido na América, Cornel Louis Wilde, por circunstâncias especiais, foi registado seguindo as leis húngaras, por imperativo de seu pai.



CORNEL WILDE
(Foto Paramount)

Passou os anos da Grande Guerra em Budapest, regressando à América em 1920, cursando a New York's Townsend Harris High School. Tinha 16 anos quando ingressou na Columbia University.

Em 1931 viajou, com sua família — pais e irmã — pela Europa, tendo visitado a Checoslováquia, Roménia, França, Itália. De novo em Budapest frequentou uma escola de pintura e um ginásio de esgrima, modalidade desportiva de que é campeão olímpico.

Em 1933 regressou aos estudos e formou-se em Medicina, sendo então interessado pela Arte de Talma, interpretando a principal figura masculina na peça «Moon Over Mulberry Street».

Durante muito tempo esteve ao serviço do Lyceum Thea-

tre, do qual ingressou no Theatre Guil, onde entrou na peça «Love Is Not So Simple».

A sua capacidade de esgrimista valeu-lhe a escolha para o papel de Tibaldo em «Romeu e Julieta», encenado por Sir Lawrence Olivier, que o levou a Hollywood, firmando contracto com a Warners para trabalhos no palco. Depois de um «sketch», de sua autoria, na peça irlandesa «The White Steet» entrou definitivamente no Cinema, por intermédio da Columbia, em 1945. Depois dos trabalhos cinematográficos em «Amar foi a Minha Perdição», «Ambar», «A Mulher Eterna» e «Murallas Humanas», Wilde alcançou o estrelato em «Chopin Imortal». Desde então para cá a sua actividade no cinema tem sido bastante multiforme, como já dissemos. Onde o Vento Morre, O Filho de Robim dos Bosques, O Tesouro do Condor, Sangue Cigano, Saad, etc. fizeram de Cornel Wilde um dos actores mais queridos de todas as plateias.

Fala cinco idiomas: o húngaro, francês, alemão, italiano, russo, além do inglês. Proficiente esgrimista, considerado hoje como um dos mais competentes conselheiros técnicos de sequências de esgrima, é também um excelente nadador, além de mergulhar e caçar como um profissional.

É casado com Jean Wallace e tem dois filhos.

Em virtude da falta de espaço, não nos foi possível inserir todo o original que nos foi enviado, pelo que pedimos desculpa aos nossos colaboradores.

Um filme de Zinne- man, produzido pela FOX

no Festival de Veneza

No próximo Festival de Veneza, que se efectuará em Setembro do ano corrente, será apresentado o filme ABNEGAÇÃO DE MULHER, dirigido por Fred Zinneman, numa produção de Buddy Adler para a 20th Century Fox.

A representação da película foi solicitada pela Comissão do Festival. ABNEGAÇÃO DE MULHER é interpretado por Don Murray, que Joshua Logan lançou em «Paragem de Auto-carro», Eva Maria Saint, a estreante de «Há lodo no Cais», Lloyd Nolan, que há pouco reapareceu em «A Última Caçada», de Richard Brooks, e Anthony Franciosa.

algo de mascarado em «Céu sobre o pântano»; há algo de forçado em «Três histórias proibidas»; há algo de explorativo e convencional em «Nada de novo no Alcácer»; — há muito muito de reservado de composto, de inaceitável, em «Madalena». Genina não é íntegro, não possui um estilo, não trabalha na arte pela arte. Faz filmes, não cria obras cinematográficas.

Mandado a Espanha por Mussolini, aí se refugia até à derrota do Fascismo. Nesse interim deambulou pelos estúdios franceses onde filmou de tudo, sem um plano e sem um sentido. Regressando à Itália dirigiu os trabalhos do filme que levou a todas as plateias o drama de Maria Goretti, película que obteve o Prémio de Vaticano para o Ano Santo.

Nesse filme, Genina, constrói uma obra religiosa adocicada com um tipo realista. Essa maneira realista, de que faz uso e abuso numa sagacidade mercantilista, espolinhará em todas as suas futuras realizações, mas está longe de constituir uma escala, um padrão que nos testemunhe a profundidade, a sinceridade de que naquele cérebro há uma mensagem, uma personalidade. Genina é o protótipo do comercialão do cinema, como lhe chamou, algures, Jorge Pelavo. Genina não é um neo-realista, pois que teme, em absoluto, a integridade e a simplicidade daquela nova escola, incapaz que é de dar unidade à realidade em movimento que o neo-realismo exige para um conhecimento profundo da realidade reproduzida pela Arte. Por isso compromete a própria natureza realista das suas produções, das quais fica, apenas, o valor da imagem, mas sem uma transposição convincente.

Assim, «Madalena», a pecadora, arrepende-se, mas não é redimida nem salva. É, no entanto, perdoada pela compreensão humana, o que é natural. Isto é assim, porque Genina, revelando -nos o seu pecado, baseando nele

uma premissa falsa como convinha à história, e da qual todos os efeitos se deliniam habilidosamente, não soube injectar nesse corpo pecador, nesse ser desprezível, uma alma em febre de transformação interior, capaz de fazer ressurgir do pecado a ressurreição do perdão e operação divina como está explícito no texto bíblico.

O pecado não foi sublimado. Antes, é da sua exploração que a «Madalena» de Genina encontra o motivo da sua morte.

Nada, no filme, nos indica a certeza de que aquela Madalena aspirou à salvação da sua alma, impossível que viu o seu acto vingativo. Morreu, talvez, quando devia viver.

Isto poderá estar muito bem para a história mas está muito mal desde que se procurou humanizar, dentro do espírito da época actual, o que constitui um dos mais sagrados e sublimes mistérios da vida de Jesus Cristo. Tirar daí premissas falsas e construir uma narrativa ao gosto da curiosidade espectacular, mesmo imprimindo-lhe uma trágica dose de humanismo e uma bem realçada religiosidade intuitiva e supersticiosa, não é justa, nem humano, nem compreensível, para não dizer que é procurar o pecado pelo pecado, deixando-o impune e terrivelmente demonstrado.

O filme fez chorar as senhoras e foi quanto Genina desejou. Mas isso, e uma espécie de exploração que está fora de toda a lei comercial. É uma acção que compromete, seriamente, o código da Moral e os preceitos sentimentais que há por direito respeitar.

O argumento merecia uma adaptação mais inteligente. Nesta falta reside e ridicularidade da obra.

Joaquim Monteiro (Jorge)

TRIBUNA do CONCELHO

Rapaz mortalmente atropelado, na Ponte do Bico

Já no fim da tarde do passado domingo, dia 28 do mês findo, junto da Ponte do Bico, na freguesia de Palmeira, do concelho de Braga, foi violentamente colhido pela camionete ED 13-33, conduzida por António Rodrigues Fernandes, residente na freguesia de Lago, deste concelho, e pertencente à empresa António Gomes Tececeiro, o menor Benjamim Passos Vieira, de 13 anos de idade, filho de João da Silva Vieira e de Judite Passos com residência na Avenida Artur Soares, da freguesia de S. Victor, da cidade de Braga.

O infeliz rapaz que com outros da sua idade, resolvera ir passar a tarde no Rio Cávado, no regresso foi colhido junto a um passeio da Ponte, pelo rodado da pesada viatura, sofrendo fracturas múltiplas pelo corpo.

Conduzido ao Hospital de S. Marcos pelo atropelante, o inditoso Benjamim, chegou ali sem vida pelo que o seu cadáver seguiu para a morgue.

O motorista entregou-se às autoridades e a P. V. T. iniciou o necessário inquérito.

O tempo e a agricultura

Continua este calor sufocante, que bastantes prejuízos vem causando à agricultura.

Se não fossem os motores de rega, os prejuízos seriam mais avultados.

Entre estes obreiros incansáveis destacamos o nosso amigo sr. Agostinho César Vieira, que tem sido incansável para valer às regas. Pelo que lhe damos os nossos parabéns.

Se lhe interessa regar as suas propriedades dirija-se à nossa redacção, que este nosso amigo depressa o atenderá.

Óculos

Nas passadas festa a S. to António, que se realizaram nesta vila, encontraram-se, dentro de uma camionete, uns óculos, os quais serão entregues a quem der indicações certas.

Os interessados devem dirigir-se ao Sr. António da Costa, na freguesia de Barreiros ou a esta Redacção.

Agradecimento

A família de Rosalino da Trindade Almeida, prevendo a hipótese de faltar algum agradecimento directo às pessoas que por qualquer maneira se associaram à sua dor, vem, por este meio, demonstrar a sua gratidão.

Besteiros

Lar em Festa — No passado Sábado e Domingo, esteve em festa o lar do sr. Egidio Vieira da Cunha e sua Ex.ma esposa D. Ana Lopes. E' que ambos fizeram anos no passado sábado (dia 27 de Julho). Ali ocorreu uma enorme multidão a felicitar aquele casal e uma aparelhagem sonora abrihantou aquela festa. Houve um lauto jantar — e brindes de felicitações. Que aquela data se repita por largos anos, são os votos de todos.

De visita — A passar uns dias de visita à sua Ex.ma Família, esteve entre nós o sr. José Pinheiro, estabelecido em Lisboa, irmão mui querido do nosso assinante Domingos Pinheiro, também estabelecido em Lisboa na Praça Mousinho de Albuquerque. — C.

Vida elegante

Aniversários

No dia 30 do passado, o sr. Manuel Lopes, de Rendufe — Olheiros.

Hoje — O sr. Armando Joaquim Dias.

Quarta-feira — O sr. Virgílio Alberto de Almeida.

Quinta-feira — A gentil menina Maria do Céu de Sousa Pinheiro e o sr. António Ribeiro.

Sexta-feira — O sr. Manuel da Conceição da Cunha Monteiro.

Passa, no próximo dia 5 do corrente o aniversário do sr. Gualter Rodrigues, nosso conterrâneo e actualmente no Rio de Janeiro, e que é dedicado assinante do nosso jornal.

Sua irmã e família enviam-lhe sinceros parabéns e desejam-lhe muitas felicidades.

Alberto Carlos da Mota Vieira

Concluiu a sua formatura em Direito, na Universidade de Coimbra, com elevada classificação, o Ex.mo Sr. Dr. Alberto Carlos da Mota Vieira da tidalga casa do Penedo da freguesia de Geraz, Póvoa de Lanhoso. É filho do Sr. José Baptista da Mota Vieira e sobrinho do nosso assinante Sr. João Crizostmo da Mota Vieira da Casa do Paço, de Águas Santas. Os nossos parabéns.

LAGO

A nossa última correspondência saiu com atraso na redacção, motivado pela aglomeração de original no número dedicado a Caldela.

Não seria necessário o es-

clarecimento se não viessem duas notícias diferentes às festas. A que vinha enquadrada na correspondência atrasada, foi arranjo da redacção.

Não contavam, com certeza, com a nota referente ao Bazar.

— Está na Curia, a fazer a sua habitual cura o sr. José António Soares.

— Em Monção, também se encontra, o sr. João Alves Teixeira.

— Foi baptizado, em Rendufe, no impedimento legal do pároco local, um menino filho dos srs. José Augusto Pereira e sua esposa Maria Rosa Soares a quem foi posto o nome de Fernando José.

Paraninfou o sr. José António Pires e a menina Rosa da Silva Mendes.

— Continua o calor a martirizar-nos. A chuva está a ser muito desejada. — J. P.

Caires

Exames de 4.ª classe — Foram os seguintes meninos e meninas desta Freguesia de Caires, que fizeram exame de 4.ª classe, ficando plenamente aprovados e dignos de mil parabéns:

Euclides Vieira de Araújo; Francisco Pinheiro Rodrigues; José da Silva Machado; Amaro Freitas Lima; Franklin Pinheiro Vieira; Arménio Lage da Silva; Joaquim Urmo V. Alheiro de Araújo; Joaquim Augusto Macedo Rodrigues — e as meninas: Aurora Arantes Pereira; Luiza Soares Alves, Carminda Martins Vieira; Aida Macedo da Rocha e Maria de Fátima Fernandes.

As nossas felicitações bem como para as suas dedicadas e distintas professoras.

De luto — Encontra-se de luto e profundamente consternado o nosso querido e estimado Presidente da Junta, e nosso particular amigo, sr. José Maria Alves e sua Ex.ma família, pelo falecimento de sua querida filhinha, a menina Maria Dulce Almeida Alves, de 25 meses de idade, do lugar do Freixeiro. Teve um grande, distinto e angélico acompanhamento, com pessoas de todas as camadas sociais e um bem formado grupo de crianças vestidas de branco. Parecia mais uma festa. Era mais um Anjo que entrava na Côte Celestial.

Carta anónima — Cá foi recebida, do colega ausente. Foi pena vir multada e sem a comprovada assinatura.

S. Pedro Fins — Tem sido regularmente concorrida, a novena que se tem feito na Matriz de Caires, conio preparação da Grandiosa Peregrinação anual que amanhã,

Domingo, sobe até ao Alto do Monte a implorar a S. Pedro Fins, a paz, a ordem, o progresso, e uma chuva benéfica para a nossa fraca agricultura.

Amanhã, todos a S. Pedro Fins. — P.º C. V.

Bouro

Homenagem a dois estudantes distintos, que acabam de formar-se em medicina

No passado dia 27 de Julho, assistimos a uma homenagem, feita pelo humilde povo de Bouro, a dois dignos filhos desta terra, que acabam de formar-se em medicina.

Trata-se dos srs. drs. Camilo Baptista de Sousa e seu primo João Baptista de Sousa Fernandes, aquele filho do sr. João Baptista de Sousa e da sra. D. Maria da Natividade de Sousa, residente no Largo do Terreiro, desta freguesia e este filho do sr. António Manuel Fernandes e da sra. D. Severina de Jesus de Sousa, residente em Brunhais, Póvoa de Lanhoso, ambos descendentes da distinta «Casa do Camilo», desta freguesia.

Com antecedência foi recebida a notícia, que aqueles dois estudantes tinham concluído as suas formaturas e que chegariam aqui no dia 27, onde vêm gozar as férias. Bouro, prepara-se para prestar a sua homenagem, aliás bem merecida, aos dois novos médicos, que tão dignamente honram a nossa terra. A tarde do dia 27, parecia insuficiente para a manifestação que se desejava fazer.

O povo abandona os seus trabalhos, pois todos querem manifestar a satisfação sentida pela formatura dos novos médicos.

Cerca das 16 horas, já uma grande aglomeração de povo se encontrava à entrada do Largo do Terreiro, aguardando a chegada dos homenageados. Está também a Banda Musical de Bouro, pois que o sr. Dr. Camilo é um grande amigo de música.

De entre a multidão presente, destacamos o Rev.mo P.e Manuel Matias do Lago e Costa, Arcipreste de Amares; Rev.mo P.e Francisco Antunes de Almeida, Capelão do Santuário da Abadia; sr. António Almeida, Secretário da Mesa Administrativa do mesmo «Santuário»; sr. Manuel Augusto Barreiros e sr. Amândio Manuel Fernandes, respectivamente presidente e secretário da Junta de freguesia.

Eram já cerca de 28 horas, quando chegaram até nós os homenageados. O carro pára junto da multidão e os srs. drs. saem para receber cumprimentos das pessoas que os esperavam. Ouve-se neste momento uma girandola de fo-

guetes, que anuncia por bem longe o entusiasmo do povo.

A multidão agita-se, desejando cada um individualmente apresentar parabéns aos novos médicos.

O sr. Presidente da Junta, lê uma saudação do povo de Bouro aos homenageados e estes seguem, acompanhados de toda a multidão, até junto da residência do sr. dr. Camilo, onde foi servido um lauto copo de água.

Durante o banquete, usou da palavra o Rev.mo Francisco Antunes de Almeida, que enalteceu a qualidade de estudante do sr. dr. Camilo, pois este tinha sido seu aluno na Escola Primária. Disse ainda: «Não sei com que palavras devo revelar a satisfação que sinto, em ver a criança a quem dei as primeiras luzes da instrução, acabar de concluir de uma maneira brilhante a sua formatura em medicina.»

Seguidamente o sr. dr. Camilo, agradeceu a homenagem que o povo de Bouro lhe prestou, dizendo que se julgava imerecedor de tão grande manifestação. Concluiu: «A minha satisfação é o desenvolvimento na terra onde foi criado e por isso empregarei todas as minhas possibilidades para os interesses de Bouro.»

Entretanto continua a ouvir-se a Banda Musical, exibindo vários números do seu

(Continua na 4.ª página)

HUMORISMO

É verdade

O criado do restaurante:
— Como achou o bife, senhor?

O cliente:
— Bom... depois de pôr os óculos, lá consegui dar com ele.

Na escola

O professor:
— Os teus problemas estão uma lástima, José... Tenho que mandar dizer isto a teu pai.

O aluno:
— Mande... mande, senhor professor! Para a outra vez, quando os fizer, já ele tem mais cuidado!

Na estação

Um senhor todo açodado chega ao «guichet» da estação e pede:

— Uma primeira para o Porto, se faz favor. Diga-me, depressa... ainda apanho o rápido?

— Depende da velocidade a que o senhor correr. O rápido já partiu há dois minutos.

GRANDIOSA ROMAGEM À

S.^{ra} d'Abadia

De 10 a 15 de Agosto em Bouro

1957

Os milagres obtidos por intercessão da Senhora da Abadia, hoje, como sempre, são em grande número e sempre maravilhoso. Por bevidade apenas um, ocorrido em Abril último:

—Matilde da Silva Amorim, casada com João Joaquim de Sousa Bastos, residente no lugar da Costa, freguesia de Goães, concelho de Amares, sofria, há anos, de varizes de que resultou ficar com uma perna toda em ferida. Tratou-se, desde princípio, com vários médicos sem conseguir debelar a doença. O mal foi-se agravando e tornou-se tão melindroso que os médicos aconselharam a urgente amputação da perna. Por ocasião do cortejo das oferendas à Senhora da Abadia, fez o voto de acompanhar a milagrosa Senhora, tomando parte na Procissão em que a Imagem seria reconduzida ao seu Santuário, se até esse dia a ferida desaparecesse, ficasse a perna sã e livre de precisar de ver amputada.

A sua súplica foi ouvida e inteiramente atendida. O seu voto tinha sido feito a 5 de Abril último e em 28 do mesmo mês, acompanhou a pé e descalça, a Imagem de Nossa Senhora, da Igreja de Bouro para o Santuário da Abadia.

Aquem a Senhora da Abadia não ouvir, nenhum santo nem santa ouvirá. No Céu, abaixo de Deus, está a Senhora da Abadia. Ela vos aliviara os sofrimentos, vos consolará nas amarguras e vos abrirá as portas do Céu!

PROGRAMA:

Constam de novena e romaria principiando-se respectivamente, em 6 e 10 de Agosto, havendo neste dia, além da novena, Missa solene, Sermão e Procissão em honra do glorioso mártir S. Lourenço.

Há, todos os dias, outros actos religiosos como sejam:— Tríduo Mariano nos dias 12, 13 e 14. Neste dia 14 haverá ainda Viá-Sacra, Procissão de velas e Hora Santa.

No dia 15 às 10 horas, grande Peregrinação havendo Missa Campal.

Às 12 horas Missa solene e sermão; e às 17 horas terá lugar a Magestosa Procissão com coro de Virgens, muitos anjinhos, lindos andores etc.

Será um dia de deslumbrantes solenidades que nada são para o que é devido à Senhora da Abadia-Mãe de Portugal!

Ninguém deixe de fazer a sua romagem à Senhora da Abadia! Abadia altar do Céu!

Haverá durante os dias de romaria carreiras eventuais entre Braga-Bouro-Abadia; Abadia-S. Bento; Monsul-Bouro-Abadia-S. Bento; Covas-Terras de Bouro-S. Bento; Abadia-S. Bento-Abadia.

Todos os carros ligeiros particulares ou de aluguer, terão acesso ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia.

**FESTA
A SANTA FILOMENA**em Mouquim—
V. N. de Famalicão**PROGRAMA**

Dia 2—Às 21 horas principia a Novena Preparatória em honra de Santa Filomena, na igreja paroquial, com a Coroa e a Ladaíinha de Santa Filomena, preces pelos Benfeitores e Bênção do SS. Sacramento. Todos os dias à mesma hora.

Dia 10—Sábado haverá serviço de Confissões na igreja paroquial. O potente alto-falante da Boa Reguladora, com mú-

sicas escolhidas, anunciará as grandes festividades.

Dia 11—Às 17 horas, Missa e Comunhão. Às 9, entrada da laureada, nova Banda de Famalicão. Às 10, recepção às Excelentíssimas Autoridades Religiosas e Civis, inauguração e Bênção Solene da Capela e das novas imagens, Missa Cantada a grande instrumental, com sermão pelo distinto orador sacro, Cônego Doutor Joaquim Manuel Valente, ilustre professor do Seminário do Porto. Às 14, entrada da famosa Banda das Oficinas de S. José, da cidade de Braga. Inauguração do novo Harmónio. Às 17, coroa e ladaíinha de Santa Filomena, orações pelos

BOURO

(Continuação da 3.ª pág.)

Largo reportório e est lejar os foguetes que de antemão se haviam encomendado.

No final do banquete, quizemos abordar os homenageados, para deles colher alguns elementos, que se nos tornavam indispensáveis.

Deparamos com o sr. dr. Camilo, que nos recebeu com um agradável sorriso e impressionante nota de popularidade, o que aliás sempre conhecemos na sua pessoa.

Diz-nos o sr. dr. Camilo que concluiu os seus estudos com 17 valores, mas para tal foi necessário empregar todos os esforços.

Perguntamos-lhe a idade e se durante os estudos tinha reprovado algum ano. Respondeu-nos que conta apenas 25 anos e que na sua carreira de estudante nunca sofreu qualquer atrazo.

—Tenciono passar por cá muito tempo, ou tem afazeres que o obrigam a retirar breve?

O mês de Agosto será para descanso e é aqui que o tenciono passar; estou a aguardar a chamada para as fileiras do Exército, pois que me encontro apurado para o serviço militar e durante esse serviço, vou fazer o estágio no Hospital da Estrela, em Lisboa.

Conversamos ainda com o sr. dr. João Baptista, que embora não tenha aqui a sua residência, disse estar muito satisfeito com a manifestação que o povo de Bouro lhe fez e que dispensará todos os seus serviços em benefício de Bouro, não só pelo acolhimento com que foi recebido,

ARES DE PARADELA DO RIO**Sempre Presente!**

NÃO mudam os ares. As pessoas é que podem furtar-se a eles. E foi isso mesmo o que aconteceu com este vosso amigo que fugiu aos rigores de um clima assim resumido:—*nove meses de inverno e três de inferno!*...

Não desperdicei o período de férias. E assim escolhi uma visita (e que pena tive de a fazer em relâmpago!) ao nosso «Tribuna Livre» — que nós éramos conhecidos e amigos... mas só de paleio.

Chegado a hora imprópria e sob o anonimato, depressa me descobri a careca!... E então vá de boas-vindas e de sinceros cumprimentos e de entrar naquela grande oficina gráfica, tão moderna e rica de materiais como de pessoal habilitado e respeitador. Antes que me esqueça, o meu «muito obrigado».

Encantou-me o edifício da Caixa Agrícola e bem gravado

mas ainda por ser daqui a naturalidade de seus pais.

Bouro, conta com mais estes dois homens para os seus dias de amanhã e estamos certos que os seus serviços ser-nos-ão dispensados sempre que possível.

«Tribuna Livre», num protesto de sincera amizade, apresenta aos novos médicos os seus parabéns, desejando-lhe uma brilhante carreira na sua vida profissional.

António Fernandes

ficou o gosto que senti ao ver o novo carro dos briosos Bombeiros de Amares — que eu não sou filho desse concelho, mas amo-o como o distinguem também muitos outros em circunstâncias iguais. E pena é que, sendo uma terra fidalga, a deixem apodrecer de velha e de pouca roupa... como de limpeza e de alimento progressivo...

Esta laia de satisfação aos leitores cifra-se num «Sempre Presente!» com que fiz intitular esta crónica.

Da franqueza que assiste à afirmação, falará a realidade.

Há muito que tratar... e tenho igualmente muito que fazer.

Mas «Tribuna Livre» será compensada do conceito que reciprocamente trocamos.

Entretanto, os meus parabéns aos incansáveis e bairristas Irmãos Barbosa de Macedo, e a todos os seus colaboradores — entre os quais desejo apontar o Abel, que pelo seu dinamismo atento e pela sua jovialidade, mereceu esta leve referência.

E se houver desculpas a pedir, aqui fica o pedido para elas.

Paradela do Rio, Julho de 1957

B. Ribeiro

BOMBEIROS DE AMARES
Telefone n.º 62113**Nossa Senhora
das Angústias**

Amanhã realiza-se na freguesia de Barreiros deste concelho, a tradicional festa em honra de Nossa Senhora das Angústias, que costuma revestir-se de grande solenidade.

A Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares abrihantará esta festividade com os variados números do seu reportório.

Esta briosa freguesia que nutre desde recuados tempos a maior devoção à Virgem das Angústias, faz do seu dia, ou melhor, do primeiro Domingo de Agosto que lhe dedica, o dia grande de Barreiros, em o fogo e música exteriorizam o seu contentamento, depois de terem todos honrado a Mãe Dolorosa das Angústias com as solenidades religiosas que testemunham a sua crença.

A festa, que de ano para ano ganha foros de grandeza, terá no Domingo um dos seus melhores dias festivos.

benfeitores, sermão pelo mesmo orador e Grandiosa Procissão com três andores. Concertos pelas duas Bandas de Música até à noite.



Album de coisas várias

SATISFAZENDO o que nos foi solicitado pelo sr. António da Silva Miranda, vamos continuar com o nosso trabalho sobre a Imprensa nos países onde ela se encontra mais desenvolvida. Na nossa última crónica demos testemunho da inglesa, citando os seus melhores órgãos. Hoje, não obedecendo a qualquer ordem ou método, vamos falar da imprensa russa, que é totalmente orientada, como não podia deixar de ser, pelo partido comunista.

A Imprensa russa, tem como órgãos principais o Pravda, o Izvestia e o Troud. O primeiro do Comité central do partido, o segundo do Soviet supremo e o terceiro como órgão do Comité dos sindicatos. Publicam-se, todavia, jornais em setenta línguas pois, como se sabe, «a Rússia é uma federação de repúblicas de línguas diferentes». Não obstante estar a Imprensa soviética hierarquizada, há grande proliferação de jornais regionais.

CONTRARIAMENTE ao que se observa na América e na Inglaterra, e mesmo na França, a Imprensa russa tem como fim essencial servir e orientar o leitor, formando, especialmente, a juventude, formação essa que vai da intelectual à política e destas à moral, mas sempre com a evidente intenção doutrinária, isto é, ao serviço do partido. Na Rússia os jornais não dão cabimento à publicidade.

SEGUNDO DENOYER—cujo trabalho nos está servindo de guia neste assunto—a imprensa russa é livre para a crítica apolítica.

No entanto, a profissão de jornalista, na Rússia, não segue os princípios que se observam no Ocidente. Em Portugal, França, América, Inglaterra, Espanha, qualquer um pode, com talento ou sem talento, cultura ou sem cultura, ser jornalista ou armar-se em jornalista. Na Rússia não. A profissão não está aberta a quem quer. São funcionários especializados, formados numa das numerosas escolas de jornalismo que existem com cursos que vão de três meses a dois anos, segundo a especialização a tirar, a fim de se exercer cabalmente a missão nos moldes que agradam à máquina do Estado.

NA jornais especializados sobre cinemas, desporto, artes e literatura, mas o problema essencial que domina a Imprensa russa é saber «como assegurar matéria-prima às fábricas, electricidade, vida satisfatória aos trabalhadores».

RESUMINDO: os órgãos principais são o Pravda e o Izvestia, editados em Moscovo; a imprensa é de carácter popular e tem como principal sentido formar a juventude a dentro do partido no qual reside a força que tenta manter vivo o espírito que superintende à reconstrução

ACRÓSTICO

O A M O R

► mor não é palavra, é som sublime.
 Mas, amor por ventura existirá?
 ► mor, amar! O verbo que redime
 — imperfeições, quem o conjugará?

— Verbo que o Homem-Deus veio ensinar
 Outrora quando o mundo simplesmente
 — o conhecia o verbo «escravizar».

Em coração de amor nunca pulsava
 Z'aquele tempo de egoísmo ingente;
 — o indiferença ou ódio concentrava!

► mor veio depois quando Jesus
 Os vendilhões do Templo expulsava
 — sob o azorrague da nascente Luz.

Outra idade surgia, e os escravos,
 Eninando-se no mesmo amor divino
 — rocamavam as algemas pelos favos
 — checados de mel, do seu destino!...
 O Amor que nada exige e tudo dá,
 — e na Terra ficou, onde é que está?

UERBA

do país; entre o jornal e o leitor existe uma ligação doutrinária dentro da qual tratam os problemas mais urgentes, proporcionando-se, deste modo, seleccionar as ideias criadoras e a iniciativa dos trabalhadores; a orientação imposta ao jornal soviético é manifestada por um colégio de redacção, no qual o partido comunista é sempre representado; há dezenas de jornais espalhados pela Rússia, mas as grandes edições que se verificam presentemente não satisfazem, diariamente, a grande ansiedade de ler do

povo russo; esta procura enorme do jornal, na Rússia, deve-se à certeza que o leitor tem de poder colaborar, da melhor maneira, na solução de muitos e variados problemas, falando da Imprensa americana e talvez da francesa.

NAS nossas próximas duas crónicas contamos dar por terminado este assunto, satisfazendo o solicitado pelo sr. Miranda.

Joaquim Monteiro (Jorge)

Aniversários natalícios

No passado dia 16 de Julho, fez 33 anos, o sr. António Joaquim da Silva, natural de Caires e residente na Estrada Calhariz-Benfica-Lisboa. Os seus pais Carlos Avelino da Silva e Felicidade Rodrigues, residentes no lugar do Monte de Cima, da Freguesia de Guardizela (Guimarães), enviam-lhe, por meio do nosso jornal, sinceras felicitações, muitos parabéns e fazem ardentíssimos votos ao Céu para que esta tão faustosa data seja repetida por longos anos para gosto de sua estremosa esposa e alegria dos seus filhinhos. Feliz aniversário.

— Alexandre Faria da Silva, solteiro, comerciante, natural de Caidelas, da Casa da Vila, e residente na Rua Duque de Palmela, 11— em Lisboa, fez 23 anos no passado dia 9; é mui querido sobrinho e afilhado do nosso assinante Alexandre Domingos de Almeida; residente na Avenida Luiz Bivar, 26-1.º Direito—Lisboa.

— Maria Tereza Ferreira de Almeida, solteira, estudante, estremosa filha do nosso assinante Alexandre Domingos de Almeida, actualmente a passar as suas bem merecidas férias, na sua Casa da Vila, em Caidelas, fez anos, completando as suas 19 risonhas primaveras no passado dia 8 do corrente mês de Julho.

A todos, «Tribuna Livre» e o seu correspondente em Caires, desejam muitas felicidades na Santa Paz do Senhor.

— P.e Calisto Vieira.

Folhetim da «Tribuna Livre», 31

SEMPRE NOIVOS

(Recordações do Minho—Usos e costumes)

Por Porfírio de Sousa

É um homem que não sabe o que tem de seu, mas quanto mais tem mais quer e não passa de um unhas de fome...
 Eu, ainda hoje, não o queria nem pintado numa parede.
 — Coitada da mulher, que Deus lhe der.
 — Coitada, mas é de mim!
 — Porquê?
 — A mulher se não se der bem com êle, divorcia-se... e comodeve ter muito dinheiro, volta-se a casar!
 Mas, contudo, não lhe invejo a sorte.
 — Isso sim... em se casando pela igreja já não se pode divorciar... para voltar a casar.
 Mas ainda que por esse, olhe que é uma tristeza para uma mulher andar a conhecer maridos...
 — Mais tristeza deve ser a conhecer homens... e há quem gostel
 — Lá isso há...
 E, às vezes, não se contentam com dois ou três pela vida fora.
 — Eu, por exemplo, não dei gostei.
 Tive sempre um fraco pelo imprevisito, pelo desconhecido.
 — E eu, para lhe falar a verdade, até lhe achava um certo encanto. Para mim novos amores, significavam nova mocidade!
 — Bem, chegamos a casa com a graça de Deus e não anavalhamos a vida alheia!
 — Lá isso é verdade, tia Eufrásia!
 — Foi sempre coisa que detestei.
 — Também eu...
 E agora vamos tratar do jantarinho, que vão sendo horas.
 Até logo...
 — Até logo, senhora vizinha.

E as duas interlocutoras separaram-se e cada uma foi para a sua respectiva casa tratar dos serviços domésticos.

E despediram-se muito convencidas de que não criticaram a vida do seu semelhante.

Pois até a sua expuseram, num lavar de roupa suja, sem o mais tenue véu de pudor!

x x x

O José e a Maria Tereza chegaram ao lugar do Monte e antes de se despedirem combinaram encontrar-se às quatro horas para falarem ao tio Francisco sobre o momentoso assunto que vivamente lhes interessava.

— Tu, meu amor, sê pontual porque a pontualidade é uma grande virtude que concorre para a felicidade...

— Descança eu desde que estive na tropa, que é uma grande escola da vida, habituei-me à pontualidade, transformando, pelo decorrer do tempo, êsse hábito em culto.

O filho do Policarpo do Outeiro voltou para casa, mas ansioso por chegar a hora aprazada, para voltar ao lugar do Monte, afim de falar ao pai da Maria Teresa, pedindo-lhe a mão da sua encantadora e linda filha.

O tempo, porém, parecia que se comprazia em lhe prolongar a ansiedade — visto que dava a impressão de caminhar dolentemente, vagorosamente.

O jantar foi para a mesa e a mãe, sempre solícita e carinhosa para aquele filho, o único que tinha agora em sua companhia, e já não era por muito tempo, foi despertá-lo daquele sonho que todos os noivos têm, mórmente naquela ridente e florida, quadra da vida.

— Então, José, não queres jantar?

— Quero, sim, minha mãe, mas confesso que não estou lá com muito apetite!

— Acredito, meu filho, é natural, mesmo muito natural...

— É natural porquê?

— Não é logo às quatro horas, que vais falar com o Francisco do Monte e pedir-lhe a mão da Maria Teresa?

— É sim, minha mãe, mas que relação há entre isso e a falta de apetite?

— É que todos os rapazes e raparigas, quando chega esse momento com que sonharam alguns anos, a alegria substitue o apetite...

— Isso também é verdade...

(Continua)

Tribuna de VILA VERDE

Quadrilha de ratoneiros

Com o título em epígrafe publicamos no nosso número anterior que uma quadrilha de ratoneiros assaltava os quintais levando galinhas e até roupas.

Esta notícia tinha de ser publicada no nosso número de 20 de Julho, e por motivos do grande aglomerado de original que se juntou na redacção não foi possível a sua publicação. Devido ao retardado desta notícia não podemos dizer que, antes da nossa notícia, foi descoberto o principal ratoneiro que, devido a acção rápida da Guarda Republicana, foi detido e se confessou o autor dos furtos, pelo que o nosso apelo à autoridade não foi preciso, aliás como em todos os casos em que a mesma guarda tenha que actuar, como é sobejamente conhecido por todos que necessitam dos seus serviços.

O resto do arrasado da nossa notícia não agradou a muita gente, e houve até alguns protestos, mas não nos

atmORIZAMOS com esses protestos. «Cão que ladra não morde.» Já por mais de uma vez aqui temos dito que não nos move má vontade contra ninguém, que zuzimos aqueles que o merecem e que fazemos justiça a quem a ela tenha direito. Queremos dizer e repetilo-emos: De onde vem o di-nheiro que esses miseráveis jogam? Qual o seu ofício ou ocupação? Nenhuma! E' claro que esses desgraçados (sic) hagem a coberto das autoridades, por que tem os seus espias de atalaia que os avisam a tempo de não ser apanhados em flagrante pelos que velam pelos bons costumes.

Temos esperança de que, mais dia menos dia serão apanhados, e até seria um gesto simpático que as pessoas de bem os fizessem certos às autoridades.

Isto que aqui apontamos não se prende com os que jogam a suéca, o dominó ou outros jogos de vasa, por que isso não peza a quem os pra-

tica e um ou dois cafés não deita ninguém a perder.

Refiro-me a essa gandolagem que não tem ofício — nem tentam tê-lo e por tanto, não tem de onde lhe venha o dinheiro, entendidos?

Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares

Tivemos o prazer de ouvir nesta vila a Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares, num bem executado passo-doble a caminho da freguesia de Barbudo, que ali foi fazer a festa a Santana, no passado dia 28.

A pesar da Festa ser em Barbudo, a referida Banda fez a sua entrada em Vila Verde, o que denota a atenção do seu Director e nós gostamos e louvamos a sua atitude. Parabéns.

Banda Marcial de Vila Verde

No passado dia 25 deslocou-se à pitoresca estância de Caldelas, onde foi abrilhantar as festas ao Santiago, a afamada Banda desta vila que foi delirantemente aplaudida, o mesmo ocontecendo em Costoias — Porto, onde se deslocou no passado Domingo.

O Delegado

V. Verde, 30-7-957

A trágica cena duma mãe

que perde a vida para salvar um filho

VILAR DA VEIGA, 31 — Estando Aurora da Conceição Ferreira, casada, de 43 anos de idade, a lavar roupa à margem das águas da Albufeira da Caniçada, neste lugar, e vendo cair um seu filho Abilio José Ferreira, de 5 anos de idade, à água, esta lançou-se inesperadamente à Albufeira, e conseguiu arremessar o filho para a margem da água, sendo este salvo por outras crianças que se encontravam no mesmo local, que com um pau o trouxeram a porto de salvamento.

A aflitiva mãe, após ter arremessado o filho para perto da terra, desajareceu, sendo encontrada a cerca de 15 metros de profundidade, e tirada pelos Bombeiros Voluntários de Vieira do Minho, que arrojadamente mergulharam, tirando assim o cadáver da infeliz. A vítima deixa 5 filhos todos de tenra idade.

M. J. MOTA

O nosso jornal, ao Domingo, é vendido na Pen-são Central a 'Petisqueira,

S. PEDRO FINS

(Continuação da 1.ª página)

tornar um ponto turístico de primeira ordem, se dele sobressaem e quizessem tirar proveito os amarenses. Mesmo assim, com a sua montez agrura, tendo em substituição de árvores robustos penedos — caprichosas penhas de paredes, tetos e portas naturais — ainda se pode ali servir um farnel e abrigados do sol ardente de Agosto, saborear um bom pitéu, mais ou menos regado com o verde da região.

Saciado o olhar, cumprido o voto, satisfeito a prima necessidade fisiológica, regressa-se satisfeito e com ânimo para lá voltar, novamente, enquanto houver saúde.

Mas claramente que tudo isto exige esforço físico que nem todos podem fazer; quantos lá desejariam ir recordar aquilo que como nós apreciaram noutros tempos, mas não podem! Outros iriam se não fosse tão penosa a jornada, visto que o seu amor ao Santo ou apego às belezas naturais, não são de molde a mover-lhes as pernas, embora aptas para tal.

Necessário se tornava portanto que a louvável iniciativa de alguns, como temos visto nas colunas deste jornal, fosse largamente secundada por quem de direito, para que se pudesse para já, como início de obra mais ampla, levar a efeito a construção de um ramal de estrada, derivado da actual estrada de Paredes Secas, o que seria um grande passo para uma futura estância de repouso.

Arvorizada a área adjacente ao minúsculo santuário e aproveitadas as condições naturais das caprichosas penhas, com o

referido ramal de estrada, mesmo sem instalações hoteleiras, seria lugar muito aprazível, um verdadeiro sanatório para o corpo e para o espírito.

E que custa fazer isto numa época em que as participações do Estado não se fazem rogadas?

A Comissão de Turismo e a Câmara Municipal tinham obrigação de patrocinar esta pequena obra, ou mesmo promovê-la.

Não o aconselha apenas o interesse turístico e religioso, mas o arqueológico, pois não deve esquecer-se que ali existiu o castro romano denominado «castrum spineum».

Para bem servir este local, dado que é meeiro com Caldelas, o projecto de comunicações deveria ser promovido ao mesmo tempo pela Junta de Turismo de Caldelas, criando um ramal para estas Termas e, pela Câmara Municipal de Amares, em relação ao referido ramal de Paredes Secas.

Se a Câmara não estivesse na disposição de promover, constituída uma Comissão, pediria a colaboração à Câmara e, assim, se obteria a participação simultânea.

Quem tão arduamente se vê obrigado a subir o Monte e o faz com tanto espírito de sacrifício, não duvidamos que dê bom grado participaria de uma comissão para tão elevado fim, como é este, de resolver o magno problema das comunicações com S. Pedro Fins.

Mãos à obra, para que no próximo ano, possamos aqui tecer o elogio aos promotores deste importante melhoramento.

EME

Convocação

Nos termos do § único do Artigo 17º do Código Administrativo convoco os Presidentes das Juntas de Freguesia, deste concelho, para a eleição de um representante das referidas Juntas ao Conselho Municipal, a qual terá lugar na Sala das Reuniões da Câmara Municipal, no dia 7 de Agosto próximo, pelas 14 horas.

Amares, 30 de Julho de 1957.

O Presidente da Câmara,

a) DR. AVELINO MANUEL DA SILVA

MONOGRAFIA DO CONCELHO

Continuação da 1.ª página

«Blanca, Et Rex Legionis Fecerunt».

De que se colige que es verdadera la tradicion que antes de aver Reyes en este Reyno, siendo Entre Douro e Miño del de Leon-y assistiendo un Rey de aquel Reyno en el ciudad de Braga, se enamoró de una Doña Blanca Gutierrez de Silva, que era Señora del Lugar a que oy llamam la villa de Prado, i que para ver la las vezes que quizesse sin que se lo impidiesse el Rio, reedificó esta puente; de los quales dizem que vienem los Cavalleros del apellido de Prado, i que por este respeto traen las armas de los Silvas, variando solo en el Leon negro, que significa ser la noche incubridora de sus amores».

A encerrar com esta extravagância de sabor romântico, vem a jeito de as «cheias», que por estes sítios às vezes atingem aspectos alarmantes, a ponto de ficarem de tradição na memória de gerações, mais que uma vez fêm arrastado, parcial ou totalmente, mesmo as mais sólidas pontes.

3.a — E' pouco admissível que esta melhor parte das terras interâmicas ficasse privada de meios de comunicação com a cidade bracaraugustana, com que sempre estiveram na mais estreita ligação, atendendo principalmente à existência dos «castros», tão característicos das proximidades de vias militares romanas, como não é aceitável que o traçado da Geira descrevesse tão acentuada curva: pela ponte do Porto, viesse a «Quairas de Requiam» para voltar de novo sobre as actuais freguesias de Amares e Figueiredo, quando podia seguir directamente e encurtar distâncias. Diga-se mesmo de verdade que era preciso que fortíssimos motivos ali a trouxessem, o que que de forma alguma se descobre.

E, em tal presuposto, esta via militar, como a que por Prado se dirigia a Lugo, saíam de Braga sob o domínio estratégico de «Monte Castro», descendo esta pela calçada que das «Palhotas» vinha ao Cá.ado; e sempre foi, desde tempos imemoriais, a grande via de acesso à cidade, antes que a «estrada nova» a substituisse.

As estradas romanas eram dotadas da mais cuidada e sólida construção, que lhes permitiu desafiar os séculos. Todos eram obrigados a trabalhar e contribuir para elas.

Os *viarum curatores*, espécie dos atuais «conservadores das estradas», eram encarregados da sua manutenção.

E' extraordinária a especial atenção com que este povo romano acarinhou estas terras, durante mais de quinhentos anos que por aqui passou, ou seja, desde a submissão dos Lusitanos do Norte — os Brácaros, 130 a. antes de J. C., até à invasão dos bárbaros em 412.

(Continua no próximo número)

A MODELAR TIPOGRAFIA
ENCADERNAÇÃO
PAPELARIA

Feira Nova-Amares

A nossa oficina executa toda a espécie de trabalhos tipográficos. Descontos especiais aos assinantes deste Jornal. Fornecemos orçamento prévio quando pedido.

**ESTAMOS JÁ A FORNECER
ALGUNS ASSINANTES DO ULTRAMAR**